



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A AMAZÔNIA E SEU DESCOBRIMENTO: CONTRADIÇÕES E DRAMAS REFERENTE AO MITO DAS AMAZONAS NA LITERATURA DE VIAGEM DO SÉCULO XVI

Paulo Cesar Cedran¹

INTRODUÇÃO

Quando analisamos o processo de construção do Brasil enquanto uma civilização e inevitável não nos reportarmos ao que a teoria literária denomina literatura de viagem. De acordo, com Bosi (2006) os primeiros inscitos de nossa história documentaram a instauração do processo de informações que os missionários e os viajantes europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro.

José Verissimo não classifica esses textos como literários mas como pura crônica histórica, se entrarmos na polemica sobre essa questão considera-se valida o que Bosi (2006, p.13) assim descreve nesses textos quando afirma:

Não é só como testemunho do tempo que valem tais documentos: também como sugestões temáticas e formais. E mais de um momento a inteligência brasileira reagindo contra certos processos agudos de europeização, procurou nas raízes da terra e donativo imagens para se afirmar em face do estrangeiro.

Ao tratar especificamente do processo de descobrimento do Brasil não pode-se esquecer que os espanhóis chegaram primeiro a América conforme os relatos de Américo Vespúcio sobre a viagem de Cristóvão Colombo em 1492 (BANDECCHI, 1966).

¹ Doutor em Educação Escolar – Universidade Estadual Paulista. Atua no programa de Mestrado em Educação - Centro Universitário Moura Lacerda – CUML – CEP 14080-200 – Ribeirão Preto – São Paulo – Brasil – e-mail: pcedran@ig.com.br;



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Bandecchi (1966) afirma a respeito da tese de Capistrano de Abreu sobre as três nações europeias que disputam o mérito do descobrimento do Brasil, que os espanhóis reclamam desde o século XVI, o direito ao descobrimento do Brasil. Porém, existem dúvidas e pontos obscuros referente as minúcias desse fato, o que não impede o autor de concluir que foram os espanhóis que aqui chegaram antes dos portugueses e franceses.

A partir da assinatura do Tratado de Tordesilhas entre Portugal e Espanha a região correspondente ao atual estado da Amazônia, passou a pertencer aos espanhóis que deram início ao processo de reconhecimento e posse da região, no final da primeira metade do século XVI.

Do lado da Espanha, além da sabida viagem realizada por Vicente Pinzon ao Amazonas (1499-1500), passando pelo cabo de Santo Agostinho (Pernambuco), conhecemos o relato da expedição feita por Francisco de Orellana (1540-42), realizada por ordem do governador Gonzalo Pizarro. Partindo da província dos omágua conhecida por Malchifaro ou Maquipáro, Orellana desceu o grande rio até a sua foz, em território português. Devemos o relato dessa expedição ao frei dominicano Gaspar de Carvajal, que foi o primeiro cronista a descrever a geografia, a orografia e a etnografia dos numerosos grupos indígenas que povoavam o vale do Amazonas em toda a sua extensão. Alguns anos depois, a expedição de Pedro de Urzua (1560-61) tentava refazer o caminho traçado por Orellana, descendo o grande rio. Porém, esse capitão foi morto por um dos seus tenentes, Lope de Aguirre, que não conseguiu completar a missão de atingir o canal principal do Amazonas. Na verdade, Aguirre se perdeu entre os vários braços de igarapés e canais dos rios da região, subindo em direção ao norte até desembocar nas proximidades da ilha da Trindade, no litoral venezuelano (GADELHA, 2002, p. 67).

Identificamos, portanto, que esse relato feito pelo Frei dominicano Gaspar de Carvajal caracteriza-se pelo primeiro relato do que seria chamada literatura de viagem sobre a região Amazônica.

Segundo França (2012) ao questionar esse processo referente a literatura de viagem pergunta: se existe uma espécie de invenção do Brasil e dos brasileiros pelo europeu? Esse questionamento levou a formular uma série de questões a respeito das narrativas dos viajantes as quais o autor "coleccionava".

E assim, pergunta:



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Quando se referem à descrição de suas características de personalidade, os autores afirmam que:

São mulheres de grande coragem, e que sempre se conservaram sem o comércio ordinário de varões, e mesmo quando estes, pelo acordo que tem com elas, vêm uma vez por ano às suas terras, recebem-nos com as armas nas mãos, que são arco e flechas, que atiram durante algum tempo, até que cientes de que vêm de paz os conhecidos, deixando as armas, acodem todas às canoas ou embarcações dos hóspedes, e tomando cada qual a rede que encontra mais à mão, que são as camas em que eles dormem, a levam para casa, e pendurando-a em sítio onde o dono a reconheça, o recebem por hóspede aqueles poucos dias, passados os quais eles voltam para as suas terras, repetindo-se todos os anos esta viagem pela mesma época (CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA, 1945, p.267-268).

Quanto à destinação dos filhos do sexo masculino ou feminino, as descrições dos autores pouco diferem dos demais, quando afirmam:

As filhas fêmeas que nascem desta união, conservam e criam entre elas, porque são as que hão de levar adiante o valor e costumes de sua nação, mas os filhos varões não se sabe com certeza o que fazem com eles. Um índio que, sendo pequeno, tinha ido com seu pai a esta entrada, afirmou que os filhos varões eram entregues aos pais, quando no ano seguinte voltavam a sua terras. Mas contam os outros, e parece o mais certo por ser mais corrente, que reconhecendo-os como tais, lhes tiram a vida. O tempo descobrirá a verdade, e se estas são as famosas Amazonas dos historiadores, que guardam em sua comarca tesouros que dão para enriquecer o mundo todo. Esta a foz deste rio, povoado pelas Amazonas, a dois graus e meio de altura (CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA, 1945, p.268).

Pelo relato, percebemos nitidamente uma confusão entre uma narrativa que se propunha a validar-se historicamente, com os aspectos míticos que povoam o imaginário masculino dos indígenas, reforçados pela visão do europeu, já marcada pela misoginia, reforçada aqui pelo infanticídio masculino incompatível em o estereótipo de maternidade da civilização europeia.

Essa mulher destrutiva estaria presente no paralelo mítico que podemos estabelecer Diana e mesmo Lilith, a primeira Eva, presente nos evangelhos apócrifos, cuja destruição do elemento masculino, neste caso se daria por sua sedução e luxúria, levando-o à perdição e à loucura. Portanto, podemos identificar uma atitude destrutiva na visão dos narradores, quanto à relação mulher/homem. Com as Amazonas, a



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

independentes. Bittencourt (1985) capta a visão de mundo desses exploradores (espanhóis e portugueses) que se caracterizavam pela audácia em desvendar os mistérios de uma terra preta e de fabulosas riquezas. Citando que fazia parte da horda de Francisco Pizarro, Francisco de Orellana, fugindo do próprio Pizarro, talvez para se apoderar de 100 mil libras de ouro do qual era depositário, chega à região amazônica, como assim descreve:

Chega ao Napo; d'ahi passa ao valle do Amazonas, que, pela primeira vez, recebia a visita de homens civilizados. Isto, em 1540. [...] O aventureiro dá o seu próprio nome ao grande rio. Mas, ao passar pela foz do Nhamundá, é atacado por uma tribo selvagem (talvez a dos icamiabas), que presumiu ser composta de mulheres. Lembrou-se então das lendárias guerreiras da Cappadocia e resolve mudar para o de Amazonas o nome do rio que percorria, quase ao sabor da sua impetuosa corrente (BITTENCOURT, 1985, p.254)

O autor reafirma que o mistério envolvendo o mito das Amazonas encontra suas razões no ideário europeu das lendárias mulheres guerreiras da Capadócia, enfatizando o aspecto delirante de um explorador que, em meio a torturante viagem, falece sem poder regressar à Espanha para narrar seus feitos. Segundo Bittencourt, Orellana foi o verdadeiro descobridor do grande rio, e coube ao padre Gaspar de Carvajal descrever seus feitos no diário de viagem de Orellana. O mistério da mítica luta entre Orellana e as Amazonas é o que Cascudo não justifica ao incluir esse mito em sua obra "Geografia dos Mitos Brasileiros".

As Amazonas impressionaram muito as inteligências dos colonos, mas dos colonos que tinham livros. Debalde, nas almas palpitantes do povo que vêem Mapinguaris e Capelobos, procuraremos o rastro viril da Amazona, valente e nua, batendo contra Orellana, há quatrocentos anos. Por isso não as deixei entrar neste livro... (CASCUDO, 2002, p.375)

Essa referência à comunidade de mulheres aponta para uma personificação de mulher com atributos masculinos, de guerreiro, cultura física e aventura, apartada da relação patriarcal, de domínio do macho na cultura da comunidade. Daí compreendermos o fascínio dessa personalidade no imaginário europeu. Sob este aspecto, Gandía (1946) indica essa referência no imaginário



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

occidental, quando afirma, em sua "História Crítica de los Mitos y Leyendas de la Conquista Americana", que existem relatos sobre a existência das Amazonas desde a Idade Média. Existem ilhas masculinas e femininas nos mapas medievais. Quanto ao mito das Amazonas na América, Gandía (1946) afirma que o mesmo é reflexo da lenda das virgens do sol, caracterizadas como mulheres escolhidas entre os peruanos para figurarem em rituais e que fazem parte da organização social e dos costumes do Peru. O autor afirma que:

Al mismo tiempo, las amazonas, vistas por la fantasía de Colón, revelaban los mismos hábitos que las mencionadas por Herodoto: se relacionaban una vez al año con los hombres, en primavera, sólo con el fin de perpetuar la raza; guardaban para así las niñas que daban a luz y entregaban los niños a los padres (GANDÍA, 1946, p.76-77).

A referência de Gandía ao historiador Heródoto reafirma o que dissemos anteriormente acerca da presença desse arquétipo de mulher no imaginário Ocidental, e estabelece uma relação mediada pelos padres, que descreveram de forma quase que sobrenatural a ocorrência desse fato. Essas descrições aumentariam as especulações em torno dessa estranha mulher, não afeita à maternidade:

Añaden que es verdad lo que se cuenta de la isla habitada solamente por mujeres, que a flechazos defienden con bravura sus costas, y que en ciertas temporadas de año pasan allá los canibales para engendrar, y que desde que están encintas ya no aguantan a los hombres, [...] (GANDÍA, 1946, p.91).

Mesmo diante do relato em que a oposição masculino/feminino fica evidente no processo de recrutamento de macho para a reprodução e manutenção da comunidade exclusiva de mulheres, Gandía (1946) retoma a ideia das Amazonas como a percepção equivocada de uma forma de organização comunitária relacionada às mulheres consagradas em função de um sistema religioso, quando diz:

Las amazonas – lo repetimos – eran el reflejo, hecho leyenda, de las Vírgenes del Sol y de las esposas del Inca, con todos los detalles de su existencia, de la organización social y de las costumbres del Imperio Peruano (GANDÍA, 1946, p.87).



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Diante do contexto apresentado, identificamos que o mistério em torno da existência das Amazonas perpassa não apenas a mitologia americana mas também a ocidental, sendo pertinente sua caracterização como um arquétipo do feminino.

CONCLUSÃO

Após analisarmos como o mito das Amazonas foi visto e descrito pelos expedicionários, podemos estabelecer um paralelo com a descrição do perfil de mulher do mito das Amazonas com o perfil do mito de Lilith, considerada a primeira Eva, e aquela que levou à destruição do homem.

Quanto ao significado etimológico da palavra, Sicuteri (1987, p.92) diz que: “A palavra original amazona significa sem seio.... mulher – lua. [...] as Amazonas são criaturas de Ares e Ártemis (que correspondem ao casal romano Marte e Diana Caçadora). [...] Elas eram belíssimas, audazes e ferozes”.

Diante desta afirmação de Sicuteri (1987), podemos depreender algumas características de como o mito das Amazonas, em comparação ao mito de Lilith, apresenta um perfil de mulher independente e que transgrida a ordem patriarcal estabelecida, a ponto de serem essas mulheres chamadas de demoníacas.

Cascudo faz referências à característica que lhe dá o nome, ou seja, mulheres sem seio, e justifica esse sinal como necessidade de uma guerreira que Sicuteri de certa forma refuta mas deixa espaço para o imaginário, ao dizer:

A fantasia popular quer que cada Amazona mutile um seio para ser mais livre para usar o arco, mas não existem documentos que atestem esse fato. Aqui, mais que nunca, é possível imaginar uma fantasia de remoção das características sexuais rejeitadas (SICUTERI, 1987, p.93).

Assim, como afirma Manguel (2011, p.65-66) sobre o papel do seio:

Na mitologia grega romana e etrusca, Juno (Hera ou Uni) adota Hércules (Héacles), dando o leite do seu peito; a Via Lactea formou-se quando ela puxou o mamilo dos lábios sófregos do herói e esguichou leite pelo céu. Nessa conotação negativa, o seio recusado denota a renúncia da maternidade: as amazonas amputam o seio direito a fim de poder puxar seu arco, disparar a flechas com mais eficácia e tornarem-se melhores guerreiras, trocando o papel de Vênus pelo de Marte.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Na relação de difusão do mito na América, Gandía (1946) parte de uma prerrogativa pertinente ao afirmar que os mitos e lendas envolvendo mulheres guerreiras já existiam na Europa. A mesma referência faz Sicuteri (1987).

Desta forma, foi a lenda grega que deu a Orellana, a Raleigh e ao Padre de Acuña que fundamentou o imaginário europeu sobre o mito das Amazonas (NERY, 1979).

Segundo Kidder (1980) foram criadas fantasias referentes ao mito da Amazonas com a ideia deliberada de ressaltar a importância da viagem. Portanto, esse fato tem sido objeto de pesquisa e discussões referente a existência dessa poderosa tribo na América do Sul.

É importante notar nas descrições citadas, tanto aquelas que relatam o mito na América luso-espanhola quanto no caso ocidental, que a provável existência de sociedades governadas por mulheres são vistas como patológicas, "destoando com das sociedades patriarcais, consideradas corretas". Como complementa Koltuv (1997, p.27):

As forças da sexualidade do nascimento, da vida e da morte, do mágico ciclo da vida eram, originalmente governadas pela Deusa. Com o advento do patriarcado, poder de vida e morte tornou-se uma prerrogativa do Deus masculino, enquanto a sexualidade e mágica foram separadas da procriação e da maternidade. Neste sentido, Deus é Uno, ao passo que a Deusa tornou-se duas.

Parece impossível conceber uma sociedade governada por mulheres, na ligação Lilith – Amazonas, particularmente no caso europeu, uma vez que essas mulheres sofrem a punição de Zeus por não se submeterem aos homens. Assim, esse primitivo feminismo, considerado termo bastante impróprio para Sicuteri (1987), marca uma predominância na sociedade ocidental do patriarcalismo como um dos elementos estruturadores da cultura e dominação por ele gerada.

As Amazonas podem, com certeza, ser chamadas de mulheres independentes. Mesmo não sabendo de sua real existência, esse mito reafirma o elo entre a personalidade feminina e suas lutas contra a dominação masculina.

